



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA DE LÍNGUA
PORTUGUESA

MAYRA LEONEIDE DE MORAIS

DOIS ÂNGULOS DO REGIONALISMO EM FACE DA SECA: UMA ANÁLISE
COMPARATIVA DAS OBRAS *ATALIBA*, *O VAQUEIRO* E *VIDAS SECAS*

Picos, PI

2023

MAYRA LEONEIDE DE MORAIS

**DOIS ÂNGULOS DO REGIONALISMO EM FACE DA SECA: UMA ANÁLISE
COMPARATIVA DAS OBRAS *ATALIBA, O VAQUEIRO E VIDAS SECAS***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras-Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (UFPI-CSHNB), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dra. Cristiane Feitosa Pinheiro

Picos, PI

2023



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
Rua Cícero Duarte Nº 905, Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032

ATA DE DEFESA DE ARTIGO DE FINAL DE CURSO

Às 18h horas do dia vinte e quatro de agosto do ano de dois mil e vinte e três, na sala 833, do Curso de Letras, na Universidade Federal do Piauí, do *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, cidade de Picos – PI, sob a presidência da Prof^ª. Dra Cristiane Feitosa Pinheiro, reuniu-se a banca examinadora de defesa de monografia sob a forma de artigo, de autoria da aluna **MAYRA LEONEIDE DE MORAIS** do curso de Letras desta Universidade com o título, **DOIS ÂNGULOS DO REGIONALISMO EM FACE DA SECA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS OBRAS ATALIBA, O VAQUEIRO E VIDAS SECAS**. A Banca Examinadora ficou assim constituída: Prof^ª Dr^ª Cristiane Feitosa Pinheiro (orientadora – presidente), Prof. Dr Welbert Feitosa Pinheiro (Examinador Interno - 1º examinador) e Prof^ª Me Jacqueline Wanderley Marques Dantas (Examinadora Externa – 2º examinador). Foram registradas as seguintes ocorrências: após a apresentação da aluna pela Presidente da banca, ocorreu a apresentação do artigo, seguido de questionamentos pelos membros da banca. Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, na mesma sala, sem a presença da avalianda e seus convidados. Apuradas as notas, verificou-se que a aluna foi aprovada com média geral 40,0. E, para constar, eu, Cristiane Feitosa Pinheiro, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 24 de agosto de 2023.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.

Prof^ª Dra Cristiane Feitosa Pinheiro

Presidente da Banca/Orientadora – Universidade Federal do Piauí

Prof^º Dr Welbert Feitosa Pinheiro

Examinador Interno – Universidade Federal do Piauí

Prof^ª Me Jacqueline Wanderley Marques Dantas

Examinadora Externa

DOIS ÂNGULOS DO REGIONALISMO EM FACE DA SECA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS OBRAS *ATALIBA*, *O VAQUEIRO* E *VIDAS SECAS*

Mayra Leoneide de Moraes¹

Cristiane Feitosa Pinheiro²

RESUMO: Trata-se de uma pesquisa no campo dos estudos literários, com foco no regionalismo nordestino. Objetivou-se, de forma geral, analisar a construção do regionalismo no Nordeste a partir da temática da seca e dos elementos culturais que caracterizam as obras de diferentes períodos da Literatura Nacional. E, especificamente, identificar os elementos em consonância entre as obras escolhidas, *Ataliba, o Vaqueiro* (1878) e *Vidas Secas* (1938), que formaram a literatura regionalista; compreender a importância do tema da seca para a representação do cenário do sertão brasileiro; apresentar a construção do regionalismo vista sob diferentes perspectivas estéticas dos personagens Ataliba e Fabiano. Para isso, fez-se uma pesquisa de cunho bibliográfico, com abordagem qualitativa, contemplando os textos que fundamentassem a análise de dados, em harmonia com a teoria e crítica literária. Compreendeu-se que os elementos recorrentes na literatura regionalista, são necessários para entender o tema da seca na representação da realidade do sertão brasileiro, em cenários e períodos distintos. Como embasamento teórico, foram usados os estudos compreendidos por Moisés (1973); Cândido (2009); Bosi (2017), além das duas obras em questão, Ramos (2013) e Castelo Branco (2012).

Palavras-chave: Regionalismo; seca; *Ataliba*, *o Vaqueiro*; *Vidas Secas*.

1 INTRODUÇÃO

A principal fonte da literatura é a vida humana. Os encontros e desencontros oriundos do relacionamento do ser humano com a sua natureza, com as estruturas sociais e com o próprio ser humano é o combustível principal que abastece todas as grandes obras pertencentes ao cânone mundial.

No mundo possível da literatura, ela tem o poder de descrever aquilo que o sujeito está envolvido, sejam as emoções, imaginações ou sentimentos que ele carrega consigo, além de possuir um papel social e cultural relevante que confere lugar a infinitas perspectivas de compreensão das obras literárias.

Diante disso, o presente estudo buscou analisar duas obras que, embora pertençam a estéticas distintas, trabalham a temática da seca como viés principal, são elas: *Ataliba, o Vaqueiro* (1878), romance piauiense escrito por Francisco Gil Castelo Branco, e *Vidas Secas* (1938), obra de renome dentro do cânone literário brasileiro, de Graciliano Ramos.

¹ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa (UFPI – CSHNB).

² Doutora e Mestre em Educação (UFPI), Professora do Curso de Letras-Português (UFPI – CSHNB), orientadora da pesquisa.

São obras que retratam uma temática relevante da história da seca, no Brasil, a partir do regionalismo.

Castelo Branco, autor que abriu os horizontes da estética literária romântica, no Piauí, trouxe para a literatura piauiense a representação da cultura do Nordeste brasileiro; Ramos, romancista modernista brasileiro, ganhou destaque da década de 30 do século XX, com a crítica à situação em que viviam os sertanejos, colocando em cada linha de seu texto os lamentos de um povo sofrido.

O estudo apresentado justifica-se pela possibilidade de compreender a amplitude da literatura, vista a sua complexidade e substancialidade para a formação crítica do leitor. Por essa razão, o tema abordado é relevante para a pesquisa científica em Literatura, uma vez que versa sobre uma questão que jamais pode ser silenciada, além de valer para o aprofundamento do regionalismo como forma de representação da realidade dos sertanejos, enquanto retrato da seca no Nordeste.

Nesse sentido, objetivou-se, de forma geral, analisar a construção do regionalismo no Nordeste a partir da temática da seca e dos elementos culturais que caracterizam as obras de diferentes períodos da Literatura Nacional. E, especificamente, identificar os elementos em consonância entre as obras escolhidas, que formaram a literatura regionalista; compreender a importância do tema da seca para a representação do cenário do sertão brasileiro; apresentar a construção do regionalismo vista sob diferentes perspectivas estéticas dos personagens Ataliba e Fabiano.

Dessa maneira, buscou-se responder ao seguinte problema: Como o regionalismo nordestino é retratado, dentro de um atravessamento textual entre as obras *Ataliba, o vaqueiro e Vidas Secas*?

Para isso, fundamentou-se essa pesquisa, com base nos estudos compreendidos por Moisés (1973); Cândido (2009); Bosi (2017), além das duas obras em questão, Ramos (2013) e Castelo Branco (2012).

Trata-se de pesquisa de cunho bibliográfico, pois foram utilizados livros, teses e dissertações que discutem a respeito da temática voltada para o modo de elaboração da produção selecionada; e, quanto ao seu objeto, é de caráter qualitativo.

Na primeira parte do artigo, discutiram-se as abordagens teóricas acerca da Literatura Nacional e Piauiense, bem como o contexto abrangente das obras em questão e o confronto das duas estéticas literárias a que pertencem os romancistas; logo em seguida, apresentou-se o método utilizado para a realização da pesquisa e a forma como os elementos foram dispostos para construção do trabalho; na terceira parte, a discussão do cenário da seca no Nordeste a

partir da análise de duas obras do cânone nacional, vistas sob duas perspectivas, tal qual a forma como os personagens Ataliba e Fabiano reagem ao lamento da ausência de chuvas no sertão. E, por fim, a conclusão, que apresenta reflexos acerca das análises feitas e dos elementos que foram base para a construção da pesquisa, e a bibliografia utilizada.

2 UM OLHAR PARA O ENTORNO DAS OBRAS

O romance social (1930-1945) tem por finalidade evidenciar as desigualdades no país, como a seca do Nordeste. Entretanto, é Castelo Branco que inaugura, ainda no século XIX, esse assunto, com uma obra que carrega em si traços naturais e culturais do sertão piauiense, trazendo às cenas aspectos verossimilhantes.

Além disso, vale destacar que a crise política, econômica e social do decênio de 30, do século XX, inspirou autores da época a explorar temas referentes à injustiça social, desemprego e aspectos de sofrimento humano e reflexo desses vieses. Dentre tais, temos Graciliano Ramos, que deu vida aos personagens de *Vidas Secas*, apresentando um olhar crítico e realista da condição humana.

As obras perpassam por duas estéticas distintas, logo, cada narrativa apresenta singularidades ao período em que foram escritas. Em ambas, a perspectiva do herói é retratada com qualidades nobres de determinação e coragem. Cada uma, ao seu modo, descreve como os personagens foram ímpares no desencadear dos fatos. Assim acontece também com as personagens femininas, marcando um aprofundamento psicológico quanto aos desejos almejados, e uma aproximação por contraste em aspectos internos e externos.

Ancorados nesta discussão comparativa, entende-se que a literatura possui variadas formas de abordar temáticas reais e fictícias, e “compara não apenas com o objetivo de concluir sobre a natureza dos elementos confrontados, mas, principalmente, para saber se são iguais ou diferentes.” (Carvalho, 2006, p. 7). Nesse caso, especificamente, a literatura comparada é uma estratégia utilizada na confrontação das duas narrativas literárias, com objetivo de destacar seus pontos convergentes e divergentes, no que diz respeito ao regionalismo e a construção dos personagens.

Os textos em análise, que possuem temáticas semelhantes, são fruto de biografias bastante distintas. De um lado, Graciliano Ramos, romancista brasileiro, que, segundo Bosi (2017, p. 428/429), “é ponto mais alto da tensão entre o *eu* do escritor e a sociedade que o formou” e, mesmo sem ter cursado nenhuma faculdade, é autor de inúmeras obras consagradas da literatura brasileira. De outro, temos Castelo Branco, autor pouco conhecido

no cenário nacional, e que, apesar de ter obtido a graduação em Letras na França, assim como ter escrito para vários periódicos no Rio de Janeiro, sobrevivia devido ao salário que recebia como funcionário público, o que lhe acarretava uma série de privações.

A obra de Castelo Branco, ainda que desconhecida da crítica e do público brasileiro, é apontada como o primeiro romance de fundo essencialmente regionalista, que focaliza de forma realista o drama da seca no sertão do Piauí, nas palavras de Luís Romero Lima – *Literatura Brasileira de expressão Piauiense*.

Castelo Branco tem suas obras vinculadas à estética romântica. Sobre esta, Massaud Moisés (2010, p. 169) informa que:

No plano das teorias, das ideias e temas literários, dá-se o seguinte processo: repudiando os clássicos, ou melhor, os neoclássicos, os românticos revoltam-se contra as regras, os modelos, as normas, batem-se pela total liberdade na criação artística, e defendem a mistura e a ‘impureza’ dos gêneros literários.

Como se nota, o Romantismo apresenta uma espécie de literatura revolucionária, não apenas opondo os conceitos aos moldes e métricas clássicos, mas também apresentando uma nova forma de enxergar e se relacionar com as estruturas sociais.

Ramos, por sua vez, faz parte do movimento literário denominado Modernismo. Tendo seu apogeu na Semana de Arte Moderna, realizada em 1922, a estética Moderna, com um intuito de formar um novo tipo de arte radicalmente oposta à tradição, trouxe um grande ponto de ruptura para a literatura brasileira. Sobre esse fenômeno, Bosi (2017, p. 415) comenta: “Com advento da prosa revolucionária de 22 [...], abriu-se caminho para formas mais complexas de ler e de narrar o cotidiano. Houve, sobretudo, uma ruptura com certa psicologia convencional que mascarava a relação do ficcionista com o mundo e com o seu próprio eu”.

Da mesclagem entre a singularidade do autor e os ideais de cada estética, é que vão surgir as duas obras, e mesmo apresentando temáticas semelhantes (a seca nordestina), cada obra possui um tratamento diferente para o fenômeno. Castelo Branco retrata o sertão, apresentando-o em sua completude, com a sua beleza, mas também com sua bruteza. Narrou a história de um homem valente, que busca enfrentar a seca, mas que no fim é engolido por ela, tendo, dessa forma, um fim trágico que é típico dos romances românticos.

Bosi (2017, p. 229) destaca que “o roteiro do autor de *Vidas Secas* norteou-se por um coerente sentimento de rejeição que adviria do contato do homem com a natureza ou com o próximo”. Além da escrita de Graciliano Ramos, a paisagem é captada esmiuçadamente para

que o leitor compreenda a proposta do romance, vinculado a um momento de realidade hostil a que vivenciavam os retirantes, como representação do lamento dos nordestinos.

Vidas Secas também apresenta o caráter brutal do sertão. Todavia, o desenrolar do enredo toma caminhos diferentes de *Ataliba, o Vaqueiro*. Ramos usa da temática de seca também sobre um prisma psicológico, mostrando como o ambiente atroz pode dominar o indivíduo que com ele não sabe se relacionar.

2.1 Seca: tema chave da literatura regional

O tema da seca ganhou destaque na literatura durante a fase conhecida como o romance de 30 do século XX. Com isso, os romancistas buscaram relatar através de suas obras, os desafios encontrados pelos sertanejos para vencer o famigerado período, evidenciando a falha governamental em sanar um viés atemporal. Castelo Branco inaugura o assunto, em meados do século XIX. Entretanto, Ramos, ao tratar da seca em sua obra *Vidas Secas*, provoca uma repercussão nacional na década de 30. Esses aspectos trazem, em diferentes perspectivas, cada um com sua particularidade, o lamento de um povo diante uma sociedade tão dissemelhante.

Para Bueno (2002, p. 256), “o romance de 30 teve desdobramentos que não cabem na esquematização de toda uma geração brilhante de escritores brasileiros”, e propõe uma leitura mais apurada dos romances para que sejam compreendidos os períodos, em sua complexidade, no contexto mais amplo do regionalismo, que provocou a inspiração dos autores modernistas para descreverem momentos históricos de uma década que carrega variadas nuances, seja no romance social ou no psicológico.

A literatura, enquanto manifestação artística, representa a visão de mundo dos indivíduos, trazendo à obra literária, marcas, sentimentos e valores de um determinado povo e seu tempo. A seca é uma das marcas típicas do povo nordestino, é ela o ambiente de tantas histórias lamentáveis que perpassam gerações. É o caso dos romances em questão, que trazem em suas páginas relatos da seca nordestina, e as dores dos sertanejos que lutam pela sobrevivência.

O regionalismo nordestino é bem representado nos dois romances. A narrativa de *Ataliba, o Vaqueiro* apresenta, em sua composição, traços românticos quando narra a história do herói nordestino, o vaqueiro, que luta contra o drama da seca e seus efeitos trágicos. Em *Vidas Secas*, o autor atende aos aspectos regionais e, além de trazer os elementos essenciais

de uma obra regionalista moderna, ressalta a visão dramática de uma sociedade desigual, onde boa parte sobrevive de migalhas.

Ramos e Castelo Branco, conseguem ultrapassar o Nordeste, mostrando ao leitor a miséria existente, onde por vezes o ser humano é tratado como animal, e o sertanejo é obrigado a migrar-se em busca de melhores condições. Diante disso, entende-se que a seca é mais que um fenômeno natural, é uma questão social, por vezes esquecida, mas lembrada permanentemente por autores nacionais, como Francisco Gil Castelo Branco e Graciliano Ramos.

2.2 Dois imaginários distintos: desvendando as estéticas das duas obras

O Modernismo foi, para alguns escritores, uma porta aberta para a construção de um imaginário de novas configurações artísticas. *Vidas Secas* é a obra que abriu os caminhos para o escritor descrever em um cenário ficcional um Nordeste que sofre com a seca no sertão, num caráter de denúncia social. É importante destacar que o livro não trata da seca propriamente dita, pois, para além das condições ambientais, a obra trata de vidas humilhadas, da realidade social em que aqueles indivíduos estavam inseridos.

As manifestações do Romantismo no Piauí divergem dos autores já consagrados da Literatura Brasileira. Francisco Gil Castelo Branco (1848-1891), com *Ataliba, o Vaqueiro*, imprimiu em linhas a narrativa de um vaqueiro que luta contra a seca do sertão, primeiramente publicada em folhetim, em 1880, posteriormente, à maneira como repercutiu na imprensa do Sul, ganhou destaque e, digno de nota, passou a ser considerado romance.

O autor apresenta, em sua obra, o regionalismo do decênio de 30, quando conduziu uma narrativa com traços marcantes do povo nordestino, por vezes esquecido, levou o Piauí ao conhecimento dos amantes da literatura no Brasil. A cronologia da narrativa acompanha a ordem natural do tempo, com um período antes e depois da seca e seus efeitos, com uma linguagem marcada pela espontaneidade e leveza e uma oralidade traçada pelas mais evidentes características do regionalismo.

2.3 Personagens: semelhança por oposição

No processo de elaboração de uma obra literária, um dos elementos mais importantes são os personagens. Para Moisés (1973, p. 227), eles “são ‘pessoas’ que vivem dramas e situações dentro da narrativa, como se fossem seres vivos, idênticos a nós próprios”. Dessa

forma, vale dizer que os personagens estão para o mundo ficcional tal como os seres humanos estão para o mundo real.

Graciliano Ramos buscou, por meio da paisagem, construir o personagem protagonista, com um realismo crítico e esmiuçado. Bosi (2017, p. 429) afirma que,

O realismo de Graciliano não é orgânico, nem espontâneo. É crítico. O “herói” é sempre um problema: não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo. Sofrendo pelas distâncias que o separam da placenta familiar ou grupal, introjeta o conflito numa conduta de extrema dureza que é a sua única máscara possível.

Essa máscara foi o paradigma que o autor encontrou para delimitar que as tensões sociais resultaram no comportamento das personagens do romance. À vista disso, entende-se que a obra literária de Graciliano Ramos apresenta uma estética complacente à crise social do início do século XX, que afetou principalmente o Nordeste.

Castelo Branco, por sua vez, dispôs de personagens planas que, segundo Lima (2022, p. 35), “não apresentam complexidade psicológica, são tipicamente folhetinescas e, ainda, marcadamente românticas.”, para demonstrar que nelas não haviam apego ao material.

A teorização acerca de quais são os tipos existentes de personagens é bastante ampla no cenário da crítica literária. Uma das conceituações mais típicas é a diferenciação entre personagens planas e redondas. Sobre elas, Moisés (1973, p. 230) afirma que:

No primeiro caso, trata-se de personagens destituídas de profundidade (Psicológica, dramática etc.) e apenas caracterizadas por uma qualidade, defeito, faculdade ou característica. [...] Por sua vez, as personagens redondas têm profundidade e tão-somente se revelam por uma série de características, ao contrário das planas, identificadas pelo desenvolvimento irregular de uma virtude ou um vício.

Nota-se, dessa forma, dois grandes blocos nos quais os personagens poderiam ser enquadrados. De um lado, teríamos aqueles que são estáticos dentro da narrativa, isto é, que não apresentam uma evolução com o decorrer do enredo, iniciam e terminam da mesma maneira. De outro, teríamos aqueles que mostram uma complexidade maior na sua construção, que podem surpreender, e apresentar uma personalidade final totalmente divergente daquele apontada no início.

Essa caracterização é só uma dentre muitas existentes, pois não se pode encerrar uma discussão tão ampla como essa com apenas um conceito, haja vista que há personagens que fugirão à essa regra. Em suma, a construção das personagens está muito atrelada a todo o imaginário que originou a obra inteira, e somente uma leitura atenta desta é que dará o material necessário para compreendê-los plenamente, como afirma Candido (2009, p. 58) “a vida da personagem depende da economia do livro”.

2.3.1 *A construção do herói romântico*

A figura do herói é tradicionalmente vista como um símbolo do homem virtuoso que serve de inspiração e que deve ser admirado. O herói é, na sua conceituação primária, aquele que vai para além da média comum, é o indivíduo que vivencia façanhas memoráveis, que enfrenta as mais árduas dificuldades e as supera, consolidando, com isso, uma jornada épica e inspiradora.

Com o decorrer dos anos, todavia, a concepção de herói foi se modificando, onde novas estruturas sociais surgiram, e, aos poucos, o espaço para esse indivíduo fora do comum foi se esvaindo, nascendo, assim, um novo tipo de herói, como aponta Moisés (1973, p.70) “com o advento do Romantismo e a conseqüente derrubada das carcomidas e tradicionais estruturas, desaparece o herói e nasce o não-herói ou o anti-herói, pois no mundo novo deixou de haver espaço para as concepções míticas segundo o antigo figurino”. Assim, o herói moderno precisa ser falho, e não apenas falho, mas preso em suas falhas; um ser que não consegue se alicerçar na realidade, por estar subjugado em sua própria história. Em suma, o herói clássico almejava as grandes batalhas, e o herói moderno se perde nos pequenos duelos.

Os dois heróis das narrativas em questão são, pois, Ataliba e Fabiano. A relação existente entre esses personagens se constrói de maneira paradoxal, pois eles se aproximam um do outro, na medida em que se diferenciam. O primeiro, por ser oriundo do imaginário romântico que recorre ao medievo para estruturar seus romances, preserva em si os traços de um indivíduo forte, de um porte físico exemplar, digno de um verdadeiro líder. O segundo, é de tal forma grotesco que chega a ser confundido com um animal.

Diante disso, os horizontes que cruzam as diferentes realidades de cada época acabam por forjar acepções distintas sobre qual o tipo de indivíduo deve ser tomado como modelo. Na sociedade moderna, onde o homem se tornou o centro, onde o sublime passou a ser subalterno do grotesco, onde os valores oriundos da tradição foram invertidos, não se concebe a presença de um personagem que seja o símbolo de algo maior, representante de um ideal a seguir.

2.3.2 *Aproximação por contraste: Sinhá Vitória e Teresinha*

As narrativas *Ataliba*, *o Vaqueiro* e *Vidas Secas* apresentam uma relação não apenas no tocante ao herói, como mostrado anteriormente, mas no que tange também às protagonistas

femininas. Terezinha e Sinhá Vitória, tal como Ataliba e Fabiano, possuem uma aproximação por divergência em alguns pontos, dentre eles, a própria questão fisionômica. Terezinha é apresentada pela narrativa como a mulher romântica, idealizada, de formas físicas, que realçam também uma beleza interior, totalmente oposta é a caracterização de Sinhá Vitória, que é dada como a sintetização dos moldes modernos de retratar a realidade em oposição aos conceitos tradicionais.

A relação entre as personagens, todavia, não se dá apenas por oposição, mas também por semelhança. Um desses aspectos consonantes é o destaque que ambas têm dentro da narrativa por demonstrar superioridade intelectual quando postas diante de outros personagens, e ao tomarem decisões e desempenharem papéis atribuídos, na época, unicamente às figuras do sexo masculino.

As protagonistas femininas dos dois romances fogem das atribuições do mito que fomenta a fragilidade feminina. De um lado, Terezinha, heroína de um caso amoroso idealizado por Castelo Branco que não foge à regra, possui ideal romântico de mulher: sedutora, inocente, delicada. Entretanto, a feminilidade da personagem não lhe impede de realizar serviços, tendo obrigação de auxiliar sua mãe nos serviços domésticos, e esse fato faz com que Terezinha desenvolva um papel importante na narrativa. Do mesmo modo, Sinhá Vitória pertence ao meio doméstico e aparece na ficção como sendo dedicada ao lar e suas atividades diárias.

Direcionados, então, a partir do que nos traz as narrativas de Graciliano Ramos e Castelo Branco, representando toda a força presente nas vidas das mulheres sertanejas, compreende-se que mesmo perante às singularidades de cada obra, as personagens protagonistas femininas desempenham papéis decisivos no desenvolvimento dos enredos, evidenciando a força e importância da representação da mulher na literatura.

3 METODOLOGIA

A pesquisa se enquadra no campo dos estudos literários. Dessa forma, foram feitos estudos direcionados para esse campo, tendo por objetivo destacar os pontos de equivalência e oposição entre as personagens e os contextos literários retratados entre as duas produções literárias, a partir da identificação de fragmentos em ambas as obras, para obter o resultado pretendido, que é a semelhança entre os elementos que dizem respeito à seca e ao regionalismo no Nordeste.

Todo o estudo se constituiu de forma bibliográfica, pois foi realizado através de materiais já existentes, como afirma Gil (2002, p. 44) “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”, para melhor compreensão do objeto de pesquisa, bem como, para um maior embasamento que predispuesse resposta ao problema apresentado. Por meio da análise, a pesquisa fundou-se em alguns pesquisadores que anteriormente discutiram o regionalismo e seca marcantes nas duas obras.

Os materiais, por sua vez, foram separados previamente com o objetivo de ampliar as discussões do entorno das obras, mostrando os pontos de paridade e como se deu a construção do romance na narrativa literária, que focaliza de forma realista o drama da seca no sertão nordestino.

A discussão detalhada do *corpus* deu-se sob a perspectiva qualitativa, sendo realizada, portanto, conforme Moreira (2002, p. 2) em uma “*interpretação dos significados atribuídos pelos sujeitos e suas ações em uma realidade socialmente construída*”. Desse modo, a abordagem promove uma compreensão dos dados sem o uso de recursos quantificáveis, a fim de estabelecer resposta aos objetivos propostos, evidenciando entre as obras os aspectos de similaridade que refletem na construção do regionalismo à face da seca no sertão.

O percurso metodológico seguido se deu em quatro momentos: no primeiro, realizou-se a leitura em torno da produção literária de Francisco Gil Castelo Branco e Graciliano Ramos; no segundo, foi realizada uma discussão para a definição dos objetivos e de quais abordagens e quais teóricos seriam utilizados; no terceiro momento, houve o estudo do referencial teórico e a escrita do relatório de pesquisa; e, no quarto momento, deu-se uma revisão sobre toda a pesquisa.

4 A CONSTRUÇÃO DO REGIONALISMO SOB A PERSPECTIVA DAS DUAS ESTÉTICAS

A literatura regionalista tem por finalidade resgatar as histórias, culturas e tradições de determinada região. Reis (2012, p. 15) destaca que “é a vertente regionalista que vai definir o rumo da nova ficção brasileira, a partir do movimento modernista, nascido sob o signo da nacionalidade”, e, transpondo ao conceito de nacionalidade, a cor local das obras em questão reduz ao regionalismo não só no espaço da narrativa, mas também no vocabulário utilizado pelos autores, logo, esses aspectos estão igualmente ligados ao movimento literário

denominado Romantismo, com a prosa romântica, e surge para dar liberdade e tratar com detalhes uma determinada região do país, visando apresentar ao leitor particularidades locais, tanto no aspecto geográfico quanto cultural.

Castelo Branco, com *Ataliba, o Vaqueiro*, descreve importantes características de uma região, ambientada “no extremo da província do Ceará, em terras do Piauí, para as bandas do Marvão [...] (Castelo Branco, 2012, p. 33)”, trazendo para o seu texto, problemáticas vinculadas às terras e ao costume da vida no sertão, onde a miséria traduz o desconsolo de um povo esquecido de todos. A definição de herói é conferida ao personagem Ataliba, pois era considerado a autoridade do local, observa-se pela própria designação que o autor lhe dá, quando traz a profissão após o seu nome.

Contrapondo-se à elaboração do vaqueiro na obra de Francisco Gil, em *Vidas Secas* a profissão passa a ser uma sina de gerações. É nessa perspectiva que a escolha de Fabiano pelo trabalho se dá mais pela necessidade, e acaba sujeitando-se a condições de pobreza em seus níveis mais profundos. A paisagem, nessa obra, “só interessa ao romancista enquanto propõe o momento da realidade hostil a que a personagem responderá [...] como o retirante em *Vidas Secas*” (Bosi, 2017, p. 430). Observa-se, portanto, que a natureza daquele lugar só parece relevante quando propõe desafios aos personagens; assim, o regionalismo é construído sobre o prisma de denúncia.

Os autores escrevem, à luz da literatura regionalista, utilizando o sertão como cenário, trazendo a aridez da caatinga para as páginas dos romances *Ataliba, o Vaqueiro* e *Vidas Secas*. O regionalismo tratado em ambas as obras, perpassa as manifestações estéticas, imprime em linhas a realidade de pessoas que lutam pela sobrevivência, enfrentando toda dor causada pela fome, sede e estiagem prolongada.

4.1 Regionalismo em Ataliba, o Vaqueiro e Vidas Secas

O romance regionalista pontuou temas novos à literatura nacional para dar voz aos assuntos e problemas sociais, como o viés das secas e o êxodo rural. Sensibilizados com tamanha problemática, alguns autores buscaram retratar em suas obras as consequências da seca no sertão.

Graciliano Ramos descreve em *Vidas Secas* a saga de uma família de retirantes que representam a identidade de muitas vítimas do descaso social no Brasil. E Francisco Gil, romancista piauiense, traz para o campo da criação estética, *Ataliba, o Vaqueiro* que descreve, com clareza, a tragédia vivida pelos sertanejos da Província do Piauí.

Em *Vidas Secas*, primeira obra a ser analisada, o sertão é o cenário, os personagens são vistos como meros animais, resultado da fome, miséria. O sertão apresenta menores incidências de chuvas, em razão de seu clima semiárido e, por essa razão, a vegetação predominante é a caatinga. Nas primeiras linhas do texto, o autor descreve a realidade do ambiente em que vivem os retirantes, comprovando os desgastes que a seca provoca: “Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala.” (Ramos, 2013, p. 6). A narrativa, de fato, revela a aridez do sertão.

Além disso, as características atribuídas aos humanos presentes na narrativa são inferiorizadas, para lembrar a origem da miséria de cada um. No capítulo *Fabiano*, observam-se em destaque as nomenclaturas que lhe são conferidas, como “bicho”. Embora fosse considerado um, Fabiano não baixava a cabeça diante do adjetivo, pois acreditava em sua força para vencer os efeitos que a seca lhes causava. Em um fragmento, ele diz:

— Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta. Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra. Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando: — Você é um bicho, Fabiano. Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades. (RAMOS, 2013, p. 9)

Nem o próprio personagem acreditava ser um homem, uma vez que sua aparência física, resultado de muita exposição ao sol e ausência de hidratação, tornava-o semelhante a um animal, que não tinha amparo e cuidados, vivia como bicho bruto solto em terras alheias. A seca é tratada de maneira explícita, com descrições da realidade, haja vista que trabalhadores que vivem de sol a sol diariamente, em regiões de seca, tendem a ter o seu semblante marcado.

Graciliano faz críticas que transcorrem pelo texto claramente. O regionalismo em *Vidas Secas* é descrito por quem viu as tragédias causadas pela seca, retrato de que o sertão oferece uma vida desvalida aos que nele vivem, e todo o sofrimento é gerado pela falta de água, pela fome, a sede, a ausência de vida, ocasionada pela seca.

Em *Ataliba*, percebe-se a criatividade do autor em conduzir a narrativa, de modo a dividi-la em dois momentos: antes e depois da seca. Francisco Gil apresenta a região com belas paisagens, típicas de contemplação amena à natureza. Em um episódio anterior à seca, o cenário descrito é vislumbrado como:

Campinas imensas, unidas com a face do oceano, cortavam léguas sobre léguas, dilatando mil horizontes traçados pelas carnaubeiras, cujas palmas se balouçam airosas como enfunados estandartes em colunas dóricas. O solo era coberto de uma grama virente e macia, que nutria grandes rebanhos por ali pastando a esmo. (CASTELO BRANCO, 2012, p. 57).

Posterior a isso, com a fatídica chegada da seca, o cenário se transfigura, as belas paisagens se tornam ambientes degradados, e o que resta são lembranças de outrora. Na descrição do autor:

As campinas estavam tostadas como se acaso uma torrente de fogo as houvesse sapecado; as folhas enroscavam-se, engrelhavam-se como se fossem frisadas por um ferro incandescente; as avezinhas abandonavam seus ninhos e em bandos partiam pipilando; as águas decresciam e o gado, mugindo lugubrememente nos campos, tombavam enxague. A miséria invadia tudo de um modo sinistro. (CASTELO BRANCO, 2012, p. 67).

O contraste entre os trechos é explícito, pois expõe o sertão em sua completude com paisagens que encantam e inspiram, mas também com seus cenários que amedrontam e colocam o indivíduo em situação de penúria e grande sofrimento. O autor de *Ataliba, o Vaqueiro*

Foi o pintor de um dos quadros mais fortes da paisagem da fome, da dor, da angústia do homem e de sua luta, com coragem e fortaleza, contra tudo que o cerca: a luta pela conservação da única fonte de vida, a cacimba e seu pequeno fio de água; a luta contra o fogo e tudo que o destrói; a luta contra a fome, a sede, a doença, a dor, a luta pela vida contra a morte; enfim, a luta que vence a vida, mas que não vence. (REIS, in: CASTELO BRANCO, 2012, p. 16)

A seca, entretanto, foi um dos grandes temas da escrita dos anos 30. Sobre a escrita regionalista brasileira, Cândido (1975, p. 116, grifos do autor) afirma que:

[...] A obtenção da verossimilhança era, neste caso, mais difícil, pois o original estava ao alcance do leitor. Daí a ambiguidade que desde o início marcou o nosso regionalismo; e que, levando o escritor a oscilar entre a fantasia e a fidelidade ao observado, acabou paradoxalmente por tornar artificial o gênero baseado na realidade mais geral e de certo modo mais própria do país.

A verossimilhança, como afirma Antônio Candido, é a aproximação do leitor à realidade de uma época, embora distante, ainda presente. O cenário seco descrito por Graciliano Ramos e Castelo Branco, são termos característicos típicos da região Nordeste, tendo em vista que a seca é um dos fenômenos naturais que mais afeta os sertanejos.

Pode-se ligar o romance regionalista à verossimilhança, uma vez que o fato narrado se aproxima da realidade. Os personagens que fazem a narrativa acontecer são as minorias, os

trabalhadores, sertanejos, indefesos, ingênuos, forçados a se aventurar em uma imensa caatinga de seca impiedosa.

4.2 Análise contrastiva entre os personagens Ataliba e Fabiano

A relação existente entre os personagens Ataliba e Fabiano se constrói de maneira paradoxal, pois eles se aproximam um do outro na medida em que se diferenciam. Dessa forma, temos uma espécie de aproximação por diferenciação, sendo, portanto, os traços os contraditórios que permeiam a construção dos dois personagens que possibilitam uma análise comparativa.

O primeiro aspecto dissonante entre Ataliba e Fabiano é justamente a disposição fisionômica, e quando olhamos para a apresentação inicial feita pelos narradores é possível identificar qual o tipo de herói que cada personagem se tornará. Observemos como o vaqueiro piauiense é apresentado e depois o contraste com a apresentação de Fabiano.

Ataliba era moço, tinha a figura atlética e a fisionomia cheia de franqueza. O seu trajar caprichoso indicava desde logo que ele era um vaqueiro enamorado. [...] São naturezas especiais as dos homens desses ermos longínquos; implacáveis no ódio, extremados no amor, fiéis à gratidão, morrem onde se prendem, com as lianas que se adunam às vetustas árvores das suas florestas. Não se dobram aos meneios dos interesses, mas estalam fendidos pelas paixões, como os jatobás, que não se curvam ao sopro das ventanias e caem por terra em estilhaços, partidos pelo raio. Não recuam perante o perigo: tremem, tanto, ouvindo história de duendes! (CASTELO BRANCO, 2012, p. 36)

Como se percebe, a apresentação de Ataliba aponta para um tipo específico de personagem que vai ser construído: o herói romântico. Segundo Moisés (2010, p. 173), “o romântico estima a Idade Média sobretudo porque, pela imaginação, encontra nela tudo quanto julga perdido ou malbaratado pelo racionalismo clássico”.

Dessa forma, por ser oriundo do imaginário romântico que recorre ao medievo para estruturar seus romances, Ataliba preserva em si os traços de um indivíduo forte, de um porte físico exemplar, digno de um verdadeiro líder, como se observa no primeiro parágrafo.

Além disso, o trecho de apresentação, no parágrafo dois, revela também que Ataliba é um indivíduo portador de virtudes, que sabe irar-se quando deve, mas que também reconhece o momento de agradecer, um indivíduo revestido de patriotismo, que preza pela terra onde nasceu. O terceiro parágrafo expõe ainda um outro aspecto sobre o vaqueiro, o seu traço romântico de não se submeter às situações impostas pela sociedade, mas que busca meios de sobressair a elas.

Em contraponto a Ataliba, temos Fabiano:

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monos-silábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos - exclamações, onomatopeias. (RAMOS, 2013, p. 9)

A caracterização inicial de Fabiano vai fortemente de encontro com a de Ataliba, enquanto o vaqueiro piauiense trazia em si qualidades que o colocavam na condição de um homem inspirável, Fabiano tem consciência de suas dificuldades linguísticas, de sua fragilidade humana, por essas razões, sua brutalidade o faz ter atitudes selvagens. Ele é de tal forma grotesco que chega a ser confundido com um animal.

Notam-se aqui dois polos de uma mesma reta, de um lado Ataliba, sendo aquele que mais se aproxima do polo que corresponde ao homem virtuoso, enquanto Fabiano se aproxima do polo correspondente aquele aspecto do ser humano que mais se assemelha com os animais. Fabiano é um símbolo do novo herói que, como afirma Monte (2019, p. 49), “prefere o abandono e o distanciamento da tradição metafísica, ante a plena consciência da possibilidade de superá-la, sendo esse o traço fundamental de diferenciação”. Em outras palavras, Fabiano, sendo uma representação do novo tipo de herói, rompe com os valores clássicos, trazendo em sua constituição elementos vinculados aos ideais do imaginário moderno.

Um outro elemento assimétrico entre os dois personagens é a formação da personalidade. De fato, o decorrer das narrativas confirma aquilo que foi apresentado acerca dos heróis, apresentando Ataliba com um temperamento forte, decidido, tendo consciência de quem é e o que deve ser feito; enquanto Fabiano apenas requinta uma índole tibia, fraca, sem conhecimento sobre sua própria biografia e, por consequência, sem ânimo para encarar a realidade.

Dois episódios das narrativas realçam esse aspecto contraditório entre os personagens, são eles a luta de Ataliba contra a onça e o encontro de Fabiano com o soldado amarelo, analisemo-los:

Ataliba instantaneamente levou a arma ao rosto, apontou à fera e bateu o gatilho; a pedra feriu fogo, mas o tiro falhou. A onça assentou-se sobre as patas traseiras, açoitou o chão com a cauda, rugiu como se porventura soltasse uma gargalhada diabólica; aceitou o desafio, menoscabou da vítima e desceu tranquilamente para a devorar. Naquele recinto vinha procurar uma gota d'água e provavelmente tinha que chupar uma artéria cheia de sangue fresco e generoso; - exultava!... O vaqueiro arremessou com cólera a espingarda para o lado, meteu o seu chapéu de couro por cima do gibão, apertou-lhe o barbicacho, cerrando-o ao braço esquerdo, puxou da bainha a sua faca e aguardou o inimigo.” (CASTELO BRANCO, 2012, p. 99/100).

Em contraponto, Fabiano enfrenta o personagem antagonista da narrativa: o corrupto e oportunista soldado amarelo, que, embora seja símbolo do autoritarismo, não é forte sozinho, e teme perante o herói de *Vidas Secas*. Mas Fabiano, cheio de oportunidades, ainda se deu por vencido: “O soldado magrinho, enfezadinho, tremia. E Fabiano tinha vontade de levantar o facão de novo. Tinha vontade, mas os músculos afrouxavam.” (RAMOS, 2013, p. 34).

Com esses trechos é possível observar a oposição existente entre os dois personagens. Diante de situações semelhantes, onde a coragem de ambos é exigida, Ataliba não titubeia e, ajustando seus trajes, desafia a onça, que pode ser tomado como um símbolo das dificuldades da vida, com bravura sem igual. Por outro lado, Fabiano quando tem que enfrentar o soldado amarelo, símbolo do governo, esmorece. Mesmo tendo todas as condições, falta-lhe a força, falta-lhe o ímpeto, falta-lhe ser homem.

Em síntese, a construção de Ataliba e Fabiano é fruto do imaginário no qual eles estavam inseridos, pois, como afirma Candido (1964, p. 56/57), “a natureza da personagem depende em parte da concepção que preside o romance e das intenções do romancista”. Dessa forma, de um ambiente romântico, onde há uma retomada ao medievo para a inspiração do seu herói, surge Ataliba; do Modernismo, que tinha como grande propósito romper com a tradição, surge o problemático herói Fabiano.

Nesse sentido, cabe ressaltar, que a aproximação de Ataliba e Fabiano ocorre porque, para que este último exista como herói, é necessário a morte do primeiro. Ou seja, é necessário a morte do herói tradicional para o surgimento do herói moderno, nas palavras de Monte (2019, p. 49), “a origem do novo herói surge com a origem na morte”.

4.3 As filhas do sertão

As narrativas *Ataliba*, *o Vaqueiro* e *Vidas Secas* apresentam uma relação não apenas no tocante ao herói, como mostrado anteriormente, mas no que tange também às protagonistas femininas. Terezinha e Sinhá Vitória, tal como Ataliba e Fabiano, possuem uma aproximação por divergência em alguns pontos, dentre eles, a própria questão fisionômica. Terezinha é apresentada pela narrativa da seguinte forma:

Terezinha era uma morena sedutora. As suas formas, delineando-se e modesta saia de chita, e os seios arfando sob alva camisa orlada de rendas, ofereciam à escultura um modelo de perfeições. As tranças espessas, escuras e lustrosas como fios negros

de seda, desciam-lhe até a cintura de ninfa, as suas mãos de criança, conquanto algo estragadas pelo trabalho, valiam um tesouro de rainha [...]

Uma rosa silvestre entre as madeixas e um rosário de contas brancas, trazendo pendentos uma cruzinha de ouro, eram os únicos enfeites que ornavam esta beleza peregrina. As filhas do sertão são como as suas flores campesinas; a arte não lhes realça o valor; desabrocham e fenecem ignoradas; mas a sua singeleza arrebatada, os seus perfumes embriagam, os seus matizes deslumbram!

Ai! daquele que as viu! jamais as poderá esquecer!

São tão lindas! tão mimosas as flores dessas campinas e as filhas desses sertões!

Assim era Teresinha. (CASTELO BRANCO, 2012, p. 34)

Com esse trecho, infere-se o tipo de personagem que Teresinha representa, isto é, a mulher romântica, idealizada, de formas físicas encantadoras, que realçam também uma beleza interior. Teresinha possui todos os conceitos de uma donzela: reservada, virtuosa e sedutora. Totalmente oposta é a caracterização de Sinhá Vitória, que é dada nos seguintes termos:

Sinhá Vitória, enfronhada no vestido vermelho de ramagens, equilibrava-se mal nos sapatos de salto enorme. Teimava em calçar-se como as moças da rua e dava topadas no caminho.

[...]

Sinhá Vitória caminhava aos tombos, por causa dos saltos dos sapatos, e conservava o guarda-chuva suspenso, com o castão para baixo e a biqueira para cima, enrolada no lenço. Impossível dizer por que Sinhá Vitória levava o guarda-chuva com a biqueira para cima e o castão para baixo. Ela própria não saberia explicar-se, mas sempre vira as outras matutas procederem assim e adotava o costume. (RAMOS, 2013, p. 26)

Teresinha simboliza um ideal romântico de mulher, possui poder de sedução e é descrita pelo autor com imenso fascínio. Sinhá Vitória sintetiza os moldes modernos de retratar a realidade em oposição aos conceitos tradicionais: mulher, mãe de dois filhos, descontente com a realidade miserável que enfrenta, mas sonhadora, e isso faz com que ela desenvolva um papel relevante dentro da narrativa.

A relação entre as personagens, todavia, não se dá apenas por oposição, mas também por semelhança. Um desses aspectos consonantes é o destaque que ambas têm na narrativa, por demonstrar superioridade intelectual quando postas diante de outros personagens, e ao tomarem decisões e desempenharem papéis atribuídos, na época, unicamente às figuras do sexo masculino.

Castelo Branco muito bem explicita a importância da figura feminina através de Teresinha, que representava as sertanejas vindas do torrão piauiense, “filhas do sertão como as suas flores campesinas [...]” (Castelo Branco, 2012, p. 33.). Já Ramos, sutilmente aponta a relevância de Sinhá Vitória com o seguinte trecho: “Sinhá Vitória estirou o beijo indicando vagamente uma direção e afirmou com alguns sons guturais que estavam perto” (Ramos,

2013, p. 6). O estirar do beijo realizado pela personagem, revela que Sinhá Vitória é como uma espécie de líder daquela gente, sendo a responsável por direcionar o destino por onde devem seguir, essa função era até então unicamente acatada apenas pela figura do homem.

Ademais, outro traço que interliga as duas personagens eram os seus sonhos. Teresinha possuía o sonho de um enlace matrimonial, enquanto Sinhá Vitória guardava para si um desejo de uma cama de vara. É um dado aparentemente banal, mas que revela muito sobre as prioridades de cada personagem.

Com o desejo do casamento, Teresinha resume em si o modelo da mulher ideal pensada pelos românticos, a mulher que é nutrida de inúmeras virtudes e de traços físicos sem igual, efetivando, assim, seu enquadramento na categoria de personagem plana, isto é, que não apresenta grandes dramas psicológicos, permanecendo, como aponta Moisés (1973, p.230), “inalteráveis no decorrer da narrativa”.

Sinhá Vitória, contudo, não pode ser considerada uma personagem plana, pois dentro da sua composição permeiam uma série de nuances que colocam o leitor em situação de surpresa; Sinhá não é uma mera sertaneja, mas é também a figura intelectual daquela família, e ainda a líder, pois é ela que destina os horizontes a serem seguidos e, como infere o seu sonho de ter uma cama de vara, Sinhá Vitória é uma expressão da pobreza vivenciada pelas sertanejas, que não conseguem ter um pouco de conforto nem mesmo no momento de descanso ou do prazer. Dessa maneira, Sinhá concretiza as palavras de Moisés (1973, p. 230/231): “Mas sendo tão humana, a personagem redonda acaba por se transformar em símbolo, símbolo de uma possibilidade humana por momentos elevada a sua posição mais alta.”

Sinhá Vitória, que bebe da fonte de Teresinha, deste modo, fora limitada a atuar revolucionariamente apenas no próprio lar. Além disso, o amontoado do autor nos convida a refletir sobre a opressão social marcada pela extrema pobreza, reflexo da realidade vivida. Candido (2009, p. 58) afirma que “as ‘personagens da natureza’ são apresentadas, além dos traços superficiais, pelo seu modo íntimo de ser”, em face do exposto, Sinhá Vitória, então, comumente alimentava anseios urbanos que a distanciassem de tantas dificuldades, como o desejo de deitar-se em pleno conforto numa cama de lastro de couro – algo aparentemente pequeno, mas valioso para quem desejava, ao menos, um local adequado para descansar.

Na ficção de Graciliano Ramos, é notável a diferença entre as personagens femininas dos romances triviais, à maneira como o autor revela a única mulher da narrativa, Sinhá Vitória. A personagem enfrenta todas as dificuldades que a vida e a seca lhe oferecem, o narrador a descreve como mulher simples, de vestes humildes e semblante sofrido. Tais

características são mencionadas por Fabiano, seu marido, quando imagina prósperas mudanças na situação familiar:

Eram todos felizes. Sinhá Vitória vestiria uma saia larga de ramagens. A cara murcha de Sinhá Vitória remoçaria, as nádegas bumbas de Sinhá Vitória engrossariam, a roupa encarnada de Sinhá Vitória provocaria a inveja das outras caboclas. [...] As cores de saúde voltariam à cara de Sinhá Vitória. (RAMOS, 2013, p. 7)

Outro ponto perceptível no decorrer das narrativas é o vínculo das personagens femininas ao serviço doméstico. Teresinha está sempre disposta a auxiliar nos afazeres de casa, seja na cozinha, por meio da costura, ou aquelas que requeriam um esforço maior, como buscar água no riacho: “Teresinha estava assentada em uma lage, à beira de um riacho cristalino [...] uma grande cabaça e uma rodilha de fibras de palmeira estavam a seu lado, indicado que viera à fonte buscar água”.

Assim como Sinhá, mulher de Fabiano, que aparece na ficção dedicada às atividades domésticas. Analisemos o fragmento em que Fabiano pensa, depois de um longo dia de trabalho na fazenda, em sua mulher: “àquela hora, Sinhá Vitória devia estar na cozinha, acocorada junto à trempe, a saia de ramagens entalada entre as coxas, preparando a janta” (Ramos, 2013, p. 11). A descrição elaborada pelo narrador ao verbalizar o pensamento de Fabiano, possibilita ao leitor uma primeira noção a respeito da identidade da mulher na narrativa de *Vidas Secas*.

Além das caracterizações já expostas, em relação às protagonistas femininas das obras, observa-se, no desencadear do enredo, o relacionamento de Teresinha e Sinhá Vitória com seus parceiros. Ainda que Graciliano Ramos tenha negado a existência do amor em sua obra, tendo em vista que o aspecto primordial não se encontra nesse fato, nota-se, em alguns trechos da narrativa, a demonstração de admiração de Fabiano pela mulher: “Esqueceu a infelicidade próxima, riu-se encantado com a esperteza de Sinhá Vitória. Uma pessoa como aquela valia ouro. Tinha ideias, sim senhor, tinha muita coisa no miolo” (Ramos, 2013, p. 36); ou mesmo quando: “as palavras de Sinhá Vitória encantavam-no” (Ramos, 2013, p. 36).

A admiração de Fabiano por Sinhá não se dava ocasionalmente. A mulher de fato valia ouro, era uma verdadeira companheira, por isso, tece-lhe elogios:

Fabiano agradeceu a opinião dela e gabou-lhe as pernas grossas, as nádegas volumosas, os peitos cheios. As bochechas de sinhá Vitória avermelharam-se e Fabiano repetiu com entusiasmo o elogio. Era. Estava boa, estava taluda, poderia andar muito. Sinhá Vitória riu e baixou os olhos. (RAMOS, 2013, p. 39)

O casal possuía uma sintonia de dois amantes apaixonados, embora estivessem em condições desoladoras, como é possível observar: “O coração de Fabiano bateu junto do coração de Sinhá Vitória, um abraço cansado aproximou os farrapos que os cobriam.” (Ramos, 2013, p. 7). Os aspectos lamentáveis da narrativa, em uma primeira leitura, podem deixar ocultos o romantismo vivenciado pelo casal.

De fato, não é que o amor esteja ausente, mas o que se entende por amor. *Vidas Secas* não está livre do romance amoroso, Fabiano e Sinhá Vitória não abandonaram um ao outro em meio às adversidades, ainda quando a delicadeza da mulher não transparecia nas vestes de Sinhá; mesmo que os olhos azuis de Fabiano não resplandessem a figura de um homem idealizado das histórias de romance que se conhece, é preciso vê-los enquanto casal constituído, vivendo para além de um final feliz.

Em contraponto, em *Ataliba, o Vaqueiro*, encontra-se um amor explícito, inocente que ainda está em fase de princípio. A admiração que Ataliba sentia por Teresinha, aproximava-se do ideal de mulher pura e delicada, dominada pelos sentimentos amorosos, educada para se casar. Como vemos no primeiro encontro do casal: “Ataliba em êxtase contemplava Teresinha. Os seus olhos de carbúnculo chamejavam; um ar de ventura animava o seu rosto acaboclado [...]” (Castelo Branco, 2012, p. 37).

O espírito de amor verdadeiro estende-se no desenrolar da narrativa, como apresentado no fragmento a seguir que abre o enredo:

“O verdadeiro amor, que se corresponde pelo espírito, cresce nas vigílias e nos sonhos, nutre-se de esperanças, esquecendo a sensualidade que excita a beleza e desprezando as seduções que as riquezas ostentam. Este amor era o que Ataliba sentia por Teresinha.”. (CASTELO BRANCO, 2012, p. 39)

Esse amor intenso perdura até o fim trágico reservado para eles em decorrência da seca, antagonista da narrativa: “abraçou Teresinha, colando os seus lábios nos lábios de sua noiva e deu-lhe um beijo amplo, eterno como o dos sepulcros!” (Castelo Branco, 2012, p. 113).

Diante disso, compreende-se que mesmo diante da singularidade das duas obras, as protagonistas femininas se encontram nos traços em comum, nas situações vivenciadas mediante seus papéis nas narrativas, tais quais são essenciais no desenvolvimento dos enredos, e na demonstração da força da mulher e sua importante representação na literatura.

4.4 Sertão: cenário que originou as duas obras

Pertencentes à literatura da seca, as obras trazem em seu conteúdo a vivência de personagens com a estiagem. Podem-se destacar pontos em que as narrativas se aproximam e se distanciam quanto a esse tema, ainda que ambientadas em estados diferentes.

As cenas de *Ataliba, o Vaqueiro*, aconteceram entre o Ceará e o Piauí, mais precisamente, na antiga Vila de Marvão, atual cidade de Castelo do Piauí. Em *Vidas Secas*, o autor não delimita onde a narrativa se passa. Entretanto, considerando que as principais secas do Nordeste ocorreram em Alagoas, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará, e Graciliano Ramos fez um percurso por boa parte desses estados – nasceu em Alagoas, passou a infância em Pernambuco e parte em Natal – defende-se, nesta pesquisa, que esses territórios o inspiraram a escrever a obra.

Da seca surgiu a necessidade de migrar em busca de melhores condições de vida. O fenômeno inspirou romancistas nordestinos a produzirem obras que retratassem a situação vivenciada; os retirantes são personagens que sofreram para além da ficção. *Vidas Secas* aborda a seca de 1930, considerando o fato de que houve períodos de estiagens anteriores a essa época (1877 – 1879).

As primeiras linhas da obra de Graciliano Ramos retratam o cenário desfavorável da caatinga, como se vê no fragmento:

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala. (RAMOS, 2013, p. 6)

O clima é caracterizado severo, a superfície virando torrão. O juazeiro, árvore considerada resistente às secas do sertão, apresentava folhagens verdes, o que possibilitava o aproveitamento das sombras para descansar a caminhada árdua. Um sopro de esperança, embora quanto mais perto parecesse estar, mais se distanciava, delírio causado pela fome, cansaço, o sangue escorrendo dos ferimentos. A dor se manifestava na pele dos retirantes.

O enredo de *Vidas Secas* apresenta um espaço entre duas tragédias: uma chamada de “mudança”, outra de “fuga”. Sendo assim, a primeira seca se constrói, mas com a expectativa de que a situação mude, com efeito, acontece. Nesse primeiro momento, na visão de Fabiano: “A seca aparecia-lhe como um fato necessário [...] o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde” (Ramos, 2013, p. 6). Diante disso, é gerada uma perspectiva também regional, como se em um curto período os retirantes já tivessem se rendido à fome e à sede.

Entretanto, em um cenário imaginativo quanto ao retorno de chuvas no sertão, a vida dos sertanejos muda, pois:

Eram todos felizes. [...] A fazenda renasceria — e ele, Fabiano, seria o vaqueiro, para bem dizer seria dono daquele mundo. [...] A fogueira estalava. O preá chiava em cima das brasas. Uma ressurreição. As cores da saúde voltariam à cara triste de Sinhá Vitória. A catinga ficaria verde. (RAMOS, 2013, p. 7/8)

É nesse momento que o narrador dá espaço para que outros fatos se desenrolem, numa possibilidade de que Fabiano consiga condições melhores para sua família, com fartura, que Sinhá realize seu tão sonhado desejo de uma cama de couro; o inverno chegaria e não haveria mais o que se preocupar. Entretanto, no contexto em que “A vida na fazenda se tornara difícil. Sinhá Vitória benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beiços rezando rezas desesperadas” (Ramos, 2023, p. 38), percebe-se o medo de uma nova seca cair sobre os personagens, com suposições quase reais que em breve enfrentariam outra vez. E, não havendo outra possibilidade de “fuga”, terminariam a narrativa como iniciaram: retirantes miseráveis.

Com *Ataliba, o Vaqueiro* não é diferente. O autor soube descrever as belezas do sertão, tanto quanto as ramagens secas que restaram de um longo período de estiagem. Castelo Branco descreve um meio geográfico que também perpassa o campo imaginário da ficção, “é a paisagem física e social do interior do Piauí que se encontra refletida nas páginas de **Ataliba, o Vaqueiro**” (Magalhães; Rêgo, 2012, p. 24).

Castelo Branco, aborda sutilmente a história de cada personagem, priorizando o romance entre Teresinha e Ataliba, mas não somente sobre ele, pois “O que importa não é o romance entre o vaqueiro e a roceira, mas como o fenômeno da seca abala a tranquilidade das famílias sertanejas, frustrando seus ideais e projetos de vida. (Magalhães, Rêgo in: Castelo Branco, 2012, p. 21)”. Desse modo, o plano de casamento passa a ser secundário, finalizando “naquela sepultura, onde dormiam para sempre os restos dos entes que tanto prezara, de sua querida Teresinha e de seu amo Ataliba, o Vaqueiro”.

O quadro apresentado pelo autor, no segundo momento da narrativa, mostra o homem sertanejo em pleno sofrimento pelos desastres naturais, gerados pela seca, a protagonista da narrativa. O sertão piauiense saiu de um paraíso tropical para um cenário de assombrosos estragos em que “A miséria invadia tudo de um modo sinistro” (Castelo Branco, 2012, p. 67).

Observa-se que a seca transfigurou o cenário daquela região. O fenômeno é, portanto, a representação da realidade dos sertanejos, que afetou em diversas esferas da vida

humana, quando se tornou um elemento fatal. As narrativas apresentadas partiram de uma sublime elaboração dos autores, resultados de pesquisas, constatação de fatos sobre os episódios mais graves da seca, especificamente em Alagoas, Pernambuco, Ceará e a Província do Piauí, locais em que houve maior irregularidade espacial e temporal de chuvas.

Vê-se, pois, que os dois enredos se cruzam em consonância com seus personagens que, de diferentes maneiras, resistiram o quanto puderam aos percalços que a natureza lhes impôs. Enquanto em *Vidas Secas* os seres humanos animalizados resistem aos problemas, em *Ataliba, o Vaqueiro* o que parece são os próprios seres humanos que se rendem às condições do meio. A seca descrita em ambas as obras, é o inimigo que os personagens enfrentam, embora tenham tido finais diferentes, carregam em si o temor de ter que enfrentar uma nova, e velha, seca.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão sobre o processo de construção do regionalismo entre as obras *Ataliba, o Vaqueiro*, do autor piauiense Francisco Gil Castelo Branco, e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, tornou-se evidente a relevância do estudo do regionalismo na literatura brasileira, e para o levantamento de uma tradição literária com a leitura das duas obras em questão. Por meio da análise, a pesquisa pontuou alguns aspectos que evidenciam os objetivos específicos da investigação.

Foi possível identificar, as particularidades que conferem a diferentes regiões do Nordeste. *Ataliba*, cujo cenário é o Ceará e o Piauí; *Vidas Secas*, que se passa propriamente no sertão nordestino.

Buscou-se construir um texto que abrangesse as obras de forma clara, evidenciando a potência de cada uma delas e discorrendo sobre dadas semelhanças encontradas em ambas. Embora sejam conhecidas por muitos, ainda assim, fez-se necessário aprofundar esse estudo em torno desses dois clássicos da Literatura, além de esclarecer sobre a questão levantada para amparar essa pesquisa.

Através das abordagens propostas, quanto à identificação de traços regionalistas e a trajetória dos personagens *Ataliba* e *Fabiano*, constatou-se suas particularidades enquanto heróis, além de revelar suas diferenças e semelhanças. Do mesmo modo, a análise das personagens femininas, *Teresinha* e *Sinhá Vitória*, propiciou uma reflexão sobre o desempenho da mulher na literatura regionalista, indicando, além das dificuldades

enfrentadas, a força para superá-las, bem como aquilo que o imaginário lhes possibilitava crer: seus sonhos e anseios.

Nesse sentido, o que confere as análises sobre a temática da seca, observou-se a identificação de elementos recorrentes na literatura regionalista, bem como a importância de compreender esse tema na representação da realidade do sertão brasileiro, em cenários e períodos literários distintos. Assim, é evidente o papel que a Literatura exerce na preservação da cultura regional, pois resgata, com profunda reflexão, as complexidades da condição humana.

Castelo Branco, com *Ataliba*, apresenta linguagem simples e acessível, valendo-se de recursos linguísticos regionais, próprios do cenário onde a narrativa se passa. Na busca de descrever o sertanejo, o autor procura ser o mais fiel possível. Na caracterização do sertão piauiense, descreveu o belo, repleto de costumes e tradições sertanejas, mas não hesitou em mostrar também o sertão apagado, a caatinga rala, os seres vivos morrendo, como resultado das condições climáticas da região. Seus personagens, são os roceiros, gente inocente e subalterna a proprietários de terras, que tampouco têm consciência da complexidade dos problemas sociais que estão inseridos. A narrativa é atemporal, pois, embora tenha sido escrita há mais de um século, continua despertando o interesse de muitos leitores.

Graciliano Ramos, consagrado nacionalmente por seus vastos escritos, por sua vez, tornou singular o sertão nordestino. Em *Vidas Secas*, é narrada a história de uma família de retirantes, para relatar o descaso social no Brasil. O autor descreve o sertão árido, o sofrimento, a fome, a sede, a seca. Mas, além disso, descreve também os sonhos, os desejos, como se pode observar no decorrer de cada capítulo. Aqui também apresenta uma linguagem simples, sem muitos ornamentos retóricos, com estilos específicos do dialeto do sertão nordestino.

As duas obras retratam, cada uma com sua especificidade, um dos temas dominantes do romance de 30. A tragédia da seca conversa com a miséria perante ao descaso social, e os autores conduzem as narrativas de modo a aproximar o leitor de uma realidade que resgata o drama da estiagem duradoura, em dois cenários do sertão nordestino.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 52 ed. São Paulo: Cultrix, 2017.
 BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: Edusp; Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. 712 p.
 CANDIDO, Antônio. **A personagem do romance**. In: *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2009. (Debates).

- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2006.
- CASTELO BRANCO, Francisco Gil. **Ataliba, o Vaqueiro**. 3 ed. Teresina - PI: Fundação Quixote, 2012. 116p.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2002.
- LIMA, Luiz Romero. **Literatura Brasileira de Expressão Piauiense**. 21 ed. Teresina-PI, Fundação Quixote, 2022. 344p.
- MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária: Introdução à problemática da literatura**. 5. Ed. São Paulo: Melhoramentos, 1973.
- MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa**. São Paulo, Cultrix: 37^a ed. 2010.
- MONTE, Carlos. **O herói do romance e o protagonista inativo**. Razões da inércia na construção de o deserto dos tártaros, de dino Buzzati. 2019. Tese (Doutorado) – Curso de Letras, UNESP, São Paulo, 2019.
- MOREIRA, M. A. Pesquisa em Educação em Ciências: métodos qualitativos. Espanha: *Actas del PIDEC*, 2002.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 120 ed. Rio de Janeiro - RJ: Record, 2013.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA “JOSÉ
ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
- () Dissertação
- () Monografia
- (X) Artigo

Eu, Maíra Leonide de Menais, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **“DOIS ÂNGULOS DO REGIONALISMO EM FACE DA SECA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS OBRAS ATALIBA, O VAQUEIRO E VIDAS SECAS”** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 18 de novembro de 2023.

Maíra Leonide de Menais

Assinatura